

---

ALLAN KARDEC

*Revista Espírita*  
*Jornal de Estudos Psicológicos*

*Janeiro de 1858*

Tradução:  
SALVADOR GENTILE

Versão Digital

---

# Índice

**Introdução**

**Diferentes naturezas de manifestação**

**Diferentes modos de comunicações**

**Respostas dos Espíritos a algumas perguntas sobre as manifestações**

**Manifestações Físicas – Fenômenos de Passagens dos Panoramas**

**Os Gobelins – Lendas**

**Evocações Particulares**

Mãe, estou aqui!

Uma Conversão

**Os médiuns julgados – Desafio proposta na América**

**Visões – o Idiota de Lyon**

**Reconhecimento da existência dos Espíritos e das suas manifestações**

Extraído do jornal de Roma *A Civiltà Cattolica*

**História de Joana D'Arc – Ditada por ela mesma**

**O Livro dos Espíritos – Apreciações diversas**

## *Introdução*

A rapidez com a qual se propagaram, em todas as partes do mundo, os fenômenos estranhos das manifestações espíritas, é uma prova do interesse que causam. Simples objeto de curiosidade, a princípio, não tardaram em despertar a atenção dos homens sérios que entreviram, desde o início, a influência inevitável que devem ter sobre o estado moral da sociedade. As idéias novas que deles surgem, se popularizam cada dia mais, e nada poderia deter-lhes o progresso, pela razão muito simples de que esses fenômenos estão ao alcance de todo mundo, ou quase todo, e que nenhuma força humana pode impedi-los de se produzirem. Se os abafam em algum ponto, eles reaparecem em cem outros. Aqueles, pois, que poderiam, nele, ver um inconveniente qualquer, serão constrangidos, pela força das coisas, a sofrer-lhes as conseqüências, como ocorreu com as indústrias novas que, na sua origem, feriram interesses privados, e com as quais todo o mundo acabou por se ajeitar, porque não se poderia fazer de outro modo. O que não se fez e disse contra o magnetismo! E, todavia, todos os raios que se lançaram contra ele, todas as armas com as quais o atingiram, mesmo o ridículo, se enfraqueceram diante da realidade, e não serviram senão para colocá-lo mais e mais em evidência. É que o magnetismo é uma força natural, e que, diante das forças da Natureza, o homem é um pigmeu semelhante a esses cãesinhos que ladram, inutilmente, contra o que os assusta. Há manifestações espíritas como a do sonambulismo; se elas não se produzem à luz do dia, publicamente, ninguém pode se opor a que tenham lugar na intimidade, uma vez que, cada família, pode achar um médium entre seus membros, desde a criança até o velho, como pode achar um sonâmbulo. Quem, pois, poderia impedir, a qualquer pessoa, de ser médium ou sonâmbula? Aqueles que combatem a coisa, sem dúvida, não refletiram nela. Ainda uma vez, quando uma força é da Natureza, pode-se detê-la um instante: aniquilá-la, jamais! Não se faz mais do que desviar-lhe o curso. Ora, a força que se revela no fenômeno das manifestações, qualquer que seja a sua causa, está na Natureza, como a do magnetismo; não será aniquilada, pois, como não se pode aniquilar a força elétrica. O que é preciso fazer, é observá-la, estudar-lhe todas as fases para, delas, deduzir as leis que a regem. Se for um erro, uma ilusão, o tempo lhe fará justiça; se for a verdade, a verdade é como o vapor: quanto mais se comprime, maior é a sua força de expansão.

Espanta-se, com razão, que, enquanto na América só os Estados Unidos possuem dezessete jornais consagrados a essas matérias, sem contar uma multidão de escritos não periódicos, a França, o país da Europa, onde essas idéias foram mais prontamente aclimatadas, não possui um único. Não se poderia, pois, contestar a utilidade de um órgão especial, que mantenha o público ao corrente dos progressos desta ciência nova, e o premuna dos exageros da credulidade, tão bem quanto contra o ceticismo. E essa lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta revista, com o fim de oferecer um meio de comunicação a todos aqueles que se interessam por estas questões, e de ligar, por um laço comum, aqueles que compreendem a Doutrina Espírita sob o seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e da caridade evangélica com relação a todo o mundo.

Se não se tratasse senão de uma coleta de fatos, a tarefa seria fácil; eles se multiplicam, sobre todos os pontos, com uma tal rapidez, que a matéria não faltaria; mas, os fatos unicamente tornar-se-iam monótonos, pela seqüência mesma do seu número e, sobretudo, pela sua semelhança. O que é preciso, ao homem que reflete, é alguma coisa que fale à sua inteligência. Poucos anos decorreram desde a aparição dos primeiros fenômenos, e já estamos longe das mesas girantes e falantes que não foram senão a infância. Hoje, é uma ciência que descobre todo um mundo de mistérios, que torna patente verdades eternas, que não foram dadas senão ao nosso espírito de pressentir; é uma doutrina sublime que mostra ao homem o caminho do dever, e que abre o campo, o mais vasto, que ainda fora dado à observação do filósofo. Nossa obra seria, pois, incompleta e estéril se permanecesse nos estreitos limites de uma revista anedótica, cujo interesse seria bem rapidamente esgotado.

Talvez nos contestem a qualificação de ciência que damos ao Espiritismo. Ele não poderia, sem dúvida, em alguns casos, ter os caracteres de uma ciência exata, e está precisamente aí o erro daqueles que pretendem julgá-lo e experimentá-lo como uma análise química, como um problema matemático: já é muito que tenha o de uma ciência filosófica. Toda ciência deve estar baseada sobre fatos; mas só os fatos não constituem a ciência; a ciência nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto de leis que os regem. O Espiritismo chegou ao estado de ciência? Se se trata de uma ciência perfeita, sem dúvida, seria prematuro responder afirmativamente; mas as observações são, desde hoje, bastante numerosas para se poder, pelo menos, deduzir os princípios gerais, e é aí que começa a ciência.

A apreciação razoável dos fatos, e das conseqüências que deles decorrem, é, pois, um complemento sem o qual a nossa publicação seria de uma medíocre utilidade, e não ofereceria senão um interesse muito secundário para quem reflita, e quer se inteirar daquilo que vê. Todavia, como o nosso objetivo é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem endereçadas, e tentaremos, quanto no-lo permita o estado dos conhecimentos adquiridos, seja levantar as dúvidas, seja esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa revista será, assim, uma tribuna aberta, mas, onde a discussão não deverá jamais desviar-se das leis, as mais estritas, das conveniências. Em uma palavra, discutiremos, mas não disputaremos. As inconveniências de linguagem jamais tiveram boas razões aos olhos de pessoas sensatas; é a arma daqueles que não a têm melhor, e essa arma reverte contra quem dela se serve.

Se bem que os fenômenos, dos quais iremos nos ocupar, se tenham produzido, nestes últimos tempos, de modo mais geral, tudo prova que ocorreram desde os tempos mais recuados. Não se trata de fenômenos naturais nas invenções que seguem o progresso do espírito humano; desde que estão na ordem das coisas, sua causa é tão velha quanto o mundo e os efeitos devem ter-se produzido em todas as épocas. O que, pois, testemunhamos hoje não é uma descoberta moderna: é o despertar da antiguidade, mas, da antiguidade liberta da companhia mística que engendrou as superstições, da antiguidade esclarecida pela civilização e o progresso nas coisas positivas.

A conseqüência capital, que ressalta desses fenômenos, é a comunicação, que os homens podem estabelecer, com os seres do mundo incorpóreo, e os conhecimentos que podem, em certos limites, adquirir sobre seu estado futuro. O fato das comunicações com o mundo invisível se encontra em termos inequívocos nos relatos bíblicos; mas, de um lado, para certos céticos, a Bíblia não tem uma autoridade suficiente; por outro lado, para os crentes, são fatos sobrenaturais, suscitados por um favor especial da Divindade. Não haveria aí, pois, para todo o mundo, uma prova da generalidade dessas manifestações, se não as encontrássemos em milhares de outras fontes diferentes. A existência dos Espíritos, e a sua intervenção no mundo corporal, está atestada e demonstrada, não mais como um fato excepcional, mas como princípio geral, em Santo Agostinho, São Jerônimo, São Crisóstomo, São Gregório de Nazianzeno e muitos outros Pais da Igreja. Essa crença forma, por outro lado, a base de todos os sistemas religiosos. Os mais sábios filósofos da antiguidade a admitiram: Platão, Zoroastro, Confúcio, Apuleio, Pitágoras, Apolônio de Tiana e tantos outros. Nós a encontramos nos mistérios e nos oráculos, entre os Gregos, os Egípcios, os Hindus, os Caldeus, os Romanos, os Persas, os

Chineses. Vemo-la sobreviver a todas as vicissitudes dos povos, a todas as perseguições, desafiar todas as revoluções físicas e morais da Humanidade. Mais tarde, encontramos-la nos adivinhos e feiticeiros da Idade Média, nos Willis e nas Walkirias dos Escandinavos, nos Elfos dos Teutões, nos Leschios e nos Domeschnios Doughi dos Eslavos, nos Ourisks e nos Brownies da Escócia, nos Poulpicans e nos Ten Sarpoulicts dos Bretões, nos Cemis dos Caraíbas, em uma palavra, em toda a falange de ninfas, de gênios bons e maus, de silfos, de gnomos, de fadas, de duendes, com os quais todas as nações povoaram o espaço. Encontramos a prática das evocações entre os povos da Sibéria, no Kamtchatka, na Islândia, entre os índios da América do Norte, entre os aborígenes do México e do Peru, na Polinésia e mesmo entre os estúpidos selvagens da Oceânia. De alguns absurdos que essa crença esteja cercada e disfarçada segundo os tempos e os lugares, não se pode deixar de convir que ela parte de um mesmo princípio, mais ou menos desfigurado; ora, uma doutrina não se torna universal, e nem sobrevive a milhares de gerações, nem se implanta, de um pólo ao outro, entre os povos mais dessemelhantes, e em todos os graus da escala social, sem estar fundada em alguma coisa de positiva. O que é essa alguma coisa? E o que nos demonstram as recentes manifestações. Procurar as relações que podem e devem ter entre essas manifestações e todas essas crenças, é procurar a verdade. A história da Doutrina Espírita, de alguma forma, é a do espírito humano; iremos estudar todas essas fontes que nos fornecerão uma mina inesgotável de observações, tão instrutivas quanto interessantes, sobre os fatos gerais pouco conhecidos. Essa parte nos dará a oportunidade de explicar a origem de uma multidão de lendas e de crenças populares, interpretando a parte da verdade, da alegoria e da superstição.

No que concerne às manifestações atuais, daremos conta de todos os fenômenos patentes, dos quais formos testemunhas ou que vierem ao nosso conhecimento, quando parecerem merecer a atenção dos nossos leitores. Faremos o mesmo com os efeitos espontâneos que se produzem, freqüentemente, entre as pessoas, mesmo as mais estranhas às práticas das manifestações espíritas, e que revelem seja a ação oculta, seja a independência da alma; tais são os fatos de visões, aparições, dupla vista, pressentimentos, advertências íntimas, vozes secretas, etc. A relação dos fatos acrescentaremos a explicação, tal como ela ressalta do conjunto dos princípios. Faremos anotar, a esse respeito, que esses princípios são aqueles que decorrem do próprio ensinamento dado pelos Espíritos, e que faremos, sempre, abstração das nossas próprias idéias. Não será, pois, uma teoria pessoal que exporemos, mas a que nos tiver sido comunicada, e da qual não seremos senão o intérprete.

Uma larga parte será, igualmente, reservada às comunicações, escritas ou verbais, dos Espíritos, todas as vezes que tiverem um fim útil, assim como as evocações de personagens antigas ou modernas, conhecidas ou obscuras, sem negligenciar as evocações íntimas que, freqüentemente, não são menos instrutivas; abarcaremos, em uma palavra, todas as fases das manifestações materiais e inteligentes do mundo incorpóreo.

A Doutrina Espírita nos oferece, enfim, a única solução possível e racional de uma multidão de fenômenos morais e antropológicos, dos quais, diariamente, somos testemunhas, e para os quais se procuraria, inutilmente, a explicação em todas as doutrinas conhecidas. Classificaremos nessa categoria, por exemplo, a simultaneidade dos pensamentos, a anomalia de certos caracteres, as simpatias e as antipatias, os conhecimentos intuitivos, as aptidões, as propensões, os destinos que parecem marcados de fatalidade, e, num quadro mais geral, o caráter distintivo dos povos, seu progresso ou sua degeneração, etc. A citação dos fatos acrescentaremos a busca das causas que puderam produzi-los. Da apreciação desses atos, ressaltarão, naturalmente, úteis ensinamentos sobre a linha de conduta mais conforme com a sã moral. Em suas instruções, os Espíritos superiores têm, sempre, por objetivo excitar, nos homens, o amor ao bem pela prática dos preceitos evangélicos; nos traçam, por isso mesmo, o pensamento que deve presidir à redação dessa coletânea.

Nosso quadro, como se vê, compreende tudo o que se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem; estuda-la-emos em seu estado presente e em seu estado futuro, porque estudar a natureza dos Espíritos, é estudar o homem, uma vez que deverá fazer parte, um dia, do mundo dos Espíritos; por isso acrescentamos, ao nosso título principal, o de jornal de estudos psicológicos, a fim de fazer compreender toda a sua importância.

*Nota.* Por multiplicadas que sejam nossas observações pessoais, e as fontes em que as haurimos, não dissimulamos nem as dificuldades da tarefa, nem a nossa insuficiência. Contamos, para isso suprir, com o concurso benevolente de todos aqueles que se interessam por essas questões; seremos, pois, muito reconhecidos pelas comunicações que queiram bem nos transmitir sobre os diversos objetos de nossos estudos; apelamos, a esse respeito, a sua atenção sobre os pontos seguintes, sobre os quais poderão fornecer documentos:

- 1) Manifestações materiais ou inteligentes, obtidas em reuniões às quais assistiram;
- 2) Fatos de lucidez sonambúlica e de êxtase;

- 3) Fatos de segunda vista, previsões, pressentimentos, etc.
- 4) Fatos relativos ao poder oculto atribuído, com ou sem razão, a certos indivíduos;
- 5) Lendas e crenças populares;
- 6) Fatos de visões e aparições;
- 7) Fenômenos psicológicos particulares que ocorrem, algumas vezes, no instante da morte;
- 8) Problemas morais e psicológicos para resolver;
- 9) Fatos morais, atos notáveis de devotamento e abnegação, dos quais possa ser útil propagar o exemplo;
- 10) Indicação de obras, antigas ou modernas, francesas ou estrangeiras, onde se encontrem fatos relativos à manifestação de inteligências ocultas, com a designação e, se possível, a citação das passagens. Do mesmo modo, no que concerne à opinião emitida sobre a existência dos Espíritos e suas relações com os homens, pelos autores antigos ou modernos, cujo nome e saber podem dar autoridade.

Não daremos conhecimento dos nomes das pessoas que queiram nos dirigir as comunicações, senão quando, para isso, formos formalmente autorizados.

## *Diferentes Naturezas de Manifestações*

Os Espíritos atestam a sua presença de diversas maneiras, segundo sua aptidão, sua vontade e seu maior ou menor grau de elevação. Todos os fenômenos dos quais teremos ocasião de nos ocupar, se relacionam, naturalmente, a um ou a outro desses modos de comunicação. Cremos, pois, para facilitar o entendimento dos fatos, dever abrir a série de nossos artigos pelo quadro das diferentes naturezas de manifestações. Podem ser resumidas assim:

1) *Ação oculta*, quando ela não tem nada ostensivo. Tais são, por exemplo, as inspirações ou sugestões de pensamento, as advertências íntimas, as influências sobre os acontecimentos, etc;

2) *Ação patente* ou *manifestação*, quando ela é apreciável de um modo qualquer;

3) *Manifestações físicas* ou *materiais*; são aquelas que se traduzem por fenômenos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos. Essas manifestações não comportam, muito freqüentemente, nenhum sentido direto; elas não têm por objetivo senão chamar a nossa atenção sobre alguma coisa, e nos convencer da presença de uma força superior à do homem;

4) *Manifestações visuais* ou *aparições*, quando um Espírito se revela à visão, sob uma forma qualquer, sem ter nenhuma das propriedades conhecidas da matéria;

5) *Manifestações inteligentes*, quando revelam um pensamento. Toda manifestação que comporte um sentido, não fora senão um simples movimento ou um ruído que acuse uma certa liberdade de ação, responde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente. Ocorrem em todos os graus;

6) *As comunicações*; são as manifestações inteligentes que têm por objeto uma troca seguida de pensamentos entre o homem e os Espíritos.

A natureza das comunicações varia segundo o grau, de elevação ou inferioridade, de saber ou ignorância do Espírito que se manifesta, e segundo a natureza do assunto de que se trata. Elas podem ser: *frívolas*, *grosseiras*, *sérias*, ou *instrutivas*.

*As comunicações frívolas* emanam de Espíritos levianos, zombadores e traquinas, mais maliciosos do que maus, que não ligam nenhuma importância ao que dizem.

*As comunicações grosseiras* se traduzem por expressões que chocam as conveniências. Elas não emanam senão de Espíritos inferiores, ou que não estão ainda despojados de todas as impurezas da matéria.

*As comunicações sérias* são graves quanto ao assunto e à maneira que são feitas. A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna e isenta de toda a trivialidade. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que tem um fim útil, seja de interesse privado, é, por isso mesmo, séria.

*As comunicações instrutivas* são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia etc. São, mais ou menos, profundas e, mais ou menos, verdadeiras, segundo o grau de evolução e de desmaterialização do Espírito. Para se retirar dessas comunicações um proveito real, é preciso que sejam regulares e continuem com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam àqueles que querem se instruir e os secundam, ao passo que deixam aos Espíritos levianos o cuidado de divertir, com gracejos, aqueles que não vêm, nas manifestações, senão uma distração passageira. Não é senão pela regularidade e pela freqüência das comunicações, que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa, e o grau de confiança que merecem. Se é preciso experiência para julgar os homens, é preciso, talvez, mais ainda para julgar os Espíritos.

## *Diferentes Modos de Comunicações*

As comunicações inteligentes, entre os Espíritos e os homens, podem ocorrer por sinais, pela escrita e pela palavra.

Os sinais consistem no movimento significativo de certos objetos, e, mais freqüentemente, nos ruídos ou pancadas. Quando esses fenômenos comportam um sentido, não permitem duvidar da intervenção de uma inteligência oculta, pela razão que, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Sob a influência de certas pessoas, designadas pelo nome de médiuns, e algumas vezes espontaneamente, um objeto qual quer pode executar movimentos convencionados, bater um número determinado de golpes e transmitir, assim, respostas por sim ou por não, ou pela designação das letras do alfabeto.

Os golpes podem, também, se fazerem ouvir sem nenhum movimento aparente, e sem causa ostensiva, seja na superfície, seja na própria textura dos corpos inertes, num muro, numa pedra, num móvel ou qualquer outro objeto. De todos esses objetos, sendo a mesa a mais cômoda pela mobilidade e pela facilidade para se colocar ao seu redor, é o meio do qual se tem, mais freqüentemente, servido, e daí a designação, do fenômeno em geral, pelas expressões bastante triviais de mesas falantes e de dança das mesas; expressões que convém banir, primeiro porque se prestam ao ridículo, segundo porque podem induzir em erro, fazendo crer que as mesas, a esse respeito, têm uma influência especial.

Daremos a esse modo de comunicação o nome de sematologia espírita, palavra que dá, perfeitamente, a idéia e compreende todas as variedades de comunicações por sinais, movimento de corpos ou pancadas. Um dos nossos correspondentes nos propôs mesmo designar, especialmente este último meio, o das pancadas, pela palavra tiptologia.

O segundo modo de comunicação é a escrita; nós o designaremos sob o nome de psicografia igualmente empregada por um correspondente.

Para se comunicarem pela escrita, os Espíritos empregam, como intermediárias, certas pessoas dotadas da faculdade de escrever sob a influência da força oculta que as dirige, e que cedem a um poder, evidentemente, fora do seu controle; porque elas não podem nem se deter, nem prosseguir à vontade, e, o mais freqüentemente, não têm consciência do que escrevem. Sua mão é agitada por movimento involuntário, quase febril; tomam o lápis, a seu mal grado, e o deixam do mesmo modo; nem a vontade, nem o desejo podem fazê-la seguir, caso não o deve. É a psicografia direta.

A escrita é obtida, também, pela só imposição das mãos sobre um objeto convenientemente disposto e munido de um lápis, ou de qualquer outro instrumento próprio para escrever. Os objetos mais geralmente empregados são as pranchetas ou as cestas, dispostas para esse efeito. A força oculta, que age sobre a pessoa, se transmite ao objeto que se torna, assim, um apêndice da mão, e lhe imprime o movimento necessário para traçar os caracteres. É a psicografia indireta.

As comunicações transmitidas pela psicografia são mais ou menos extensas, segundo o grau da faculdade mediadora. Alguns não obtêm senão palavras; em outros, a faculdade se desenvolve pelo exercício, e escrevem frases completas, e, freqüentemente, dissertações desenvolvidas sobre assuntos propostos, ou tratadas espontaneamente pelos Espíritos, sem serem provocados por nenhuma pergunta.

A escrita é, algumas vezes, limpa e muito legível; de outras vezes, não é decifrável senão por aquele que a escreve, e que a lê, então, por uma espécie de intuição ou de dupla visão.

Sob a mão da mesma pessoa, a escrita muda, em geral, de modo completo, com a inteligência oculta que se manifesta, e o mesmo caráter de escrita se reproduz cada vez que a mesma inteligência se manifesta de novo. Esse fato, entretanto, nada tem de absoluto.

Os Espíritos transmitem, algumas vezes, certas comunicações escritas sem intermediário direto. Os caracteres, nesse caso, são traçados espontaneamente por uma força extra-humana, visível ou invisível. Como é útil que cada coisa tenha um nome, a fim de se poder entender, daremos a esse modo de comunicação escrita, o de espiritografia ou para distingui-la da psicografia ou escrita obtida por um médium. A diferença, entre esses dois nomes é fácil de se compreender. Na psicografia, a alma do médium desempenha, necessa-

riamente, um certo papel, ao menos como intermediário, ao passo que na espiritografia é o Espírito que age diretamente, por si mesmo.

O terceiro modo de comunicação é a palavra. Certas pessoas sofrem, nos órgãos da voz, a influência da força oculta que se faz sentir na mão daqueles que escrevem. Elas transmitem, pela palavra, tudo o que os outros transmitem pela escrita.

As comunicações verbais, como as comunicações escritas, têm, algumas vezes, lugar sem intermediário corpóreo. Palavras e frases podem ressoar em nossos ouvidos ou em nosso cérebro, sem causa física aparente. Os Espíritos podem, igualmente, nos aparecer em sonho, ou no estado de vigília, e nos dirigir a palavra para nos dar advertências ou instruções.

Para seguir o mesmo sistema de nomenclatura, que adotamos para as comunicações escritas, deveríamos chamar a palavra transmitida pelo médium psicologia, e aquela proveniente direta mente do Espírito espiritologia. Mas, a palavra psicologia, tendo já uma acepção conhecida não podemos deturpá-la. Designaremos, pois, todas as comunicações verbais sob o nome de espiritologia, as primeiras pelas palavras espiritologia mediata, e as segundas pelas de espiritologia direta.

Dos diferentes modos de comunicação, a sematologia é o mais incompleto; é muito lento e não se presta, senão com dificuldade, aos desenvolvimentos de uma certa extensão. Os Espíritos superiores dela não se servem voluntariamente, seja por causa da lentidão, seja porque as respostas, por sim e por não, são incompletas e sujeitas a erro. Para ensinar, eles preferem os mais rápidos: a escrita e a palavra.

A escrita e a palavra são, com efeito, os meios mais completos para a transmissão do pensamento dos Espíritos, sejam pela precisão das respostas, seja pela extensão dos desenvolvimentos que elas comportam. A escrita tem a vantagem de deixar traços materiais, e de ser um dos meios mais adequados, para combater a dúvida. De resto, não se é livre para escolher; os Espíritos não se comunicam senão pelos meios que eles julgam apropriados: isso depende das aptidões.

## *Resposta dos Espíritos a algumas perguntas sobre as manifestações*

**Como os Espíritos podem agir sobre a matéria? Isso parece contrário a todas as idéias, que fazemos, da natureza dos Espíritos.**

“Segundo vós, o Espírito não é nada, é um erro; já o dissemos, o Espírito é alguma coisa, e é por isso que ele pode agir por si mesmo; mas vosso mundo é muito grosseiro para que possa fazê-lo sem intermediário, quer dizer, sem o laço que une o Espírito à matéria.”

**Observações.** O laço que une o Espírito à matéria, não sendo, ele mesmo, senão imaterial, pelo menos impalpável, essa resposta não resolveria a questão, se não tivéssemos exemplo de forças igualmente inapreciáveis agindo sobre a matéria: é assim que o pensamento é a causa primeira de todos os nossos movimentos voluntários; que a eletricidade tomba, eleva e transporta massas inertes. Do fato de que se conheça o motor, seria ilógico concluir que ele não existe. O Espírito pode, pois, ter alavancas que nos são desconhecidas; a Natureza nos prova, todos os dias, que sua força não se detém no testemunho dos sentidos. Nos fenômenos espíritas, a causa imediata é, sem contradição, um agente físico; mas, a causa primeira é uma inteligência que age sobre esse agente, como nosso pensamento age sobre os nossos membros. Quando queremos bater, é nosso braço que age, não é o pensamento que bate: ele dirige o braço.

**Entre os Espíritos que produzem efeitos materiais, os que se chamam de batedores formam uma categoria especial, ou são os mesmos que produzem os movimentos e os ruídos?**

“O mesmo Espírito pode, certamente, produzir efeitos muito diferentes, mas há os que se ocupam, mais particularmente, de certas coisas, como, entre vós, tendes os ferreiros e os que fazem trabalhos pesados.”

**O Espírito que age sobre os corpos sólidos, seja para movê-los, seja para bater, está na própria substância do corpo, ou fora dessa substância?**

“Um e outro; dissemos que a matéria não é um obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo.”

**As manifestações materiais, tais como os ruídos, o movimento dos objetos e todos esses fenômenos que, freqüentemente, se se compraz provocar, são produzidos, indistintamente, por Espíritos superiores e por Espíritos inferiores?**

“Não são senão Espíritos inferiores que se ocupam dessas coisas. Os Espíritos superiores, algumas vezes, deles se servem como tu farias com um carregador, a fim de levar a escutá-los. Podes crer que os Espíritos, de uma ordem superior, estejam às vossas ordens para vos divertir com pasquinagens? E como se perguntásseis se, em todo mundo, os homens sábios e sérios são os malabaristas e os bufões.”

**Nota.** Os Espíritos que se revelam por efeitos materiais são, em geral, de ordem inferior. Eles divertem ou assustam aqueles para quem o espetáculo dos olhos tem mais atrativos do que o exercício da inteligência; são, de alguma sorte, os saltimbancos do mundo espírita. Agem, algumas vezes, espontaneamente; outras vezes, por ordem de Espíritos superiores.

Se as comunicações dos Espíritos superiores oferecem um interesse mais sério, as manifestações físicas têm, igualmente, sua utilidade para o observador; elas nos revelam forças desconhecidas na Natureza, e nos dão o meio de estudar o caráter, e, se podemos assim nos exprimir, os costumes de todas as classes da população espírita.

**Como provar que a força oculta, que age nas manifestações espíritas, está fora do homem? Não se poderia pensar que ela reside nele mesmo, quer dizer, que age sob o impulso do seu próprio Espírito?**

“Quando uma coisa ocorre contra a tua vontade e teu desejo, é certo que não fostes tu quem a produziu; mas, freqüentemente, és a alavanca da qual o Espírito se serve para agir, e tua vontade lhe vem em ajuda: podes ser um instrumento mais ou menos cômodo para ele.”

**Nota.** É, sobretudo, nas comunicações inteligentes que a intervenção de uma força estranha se torna patente. Quando essas comunicações são espontâneas e fora do nosso pensamento e do nosso controle, quando respondem a perguntas cuja solução é desconhecida dos assistentes, é preciso procu-

rar-lhe a causa fora de nós. Isso se torna evidente para quem observe os fatos com atenção e perseverança; as nuances de detalhes escapam ao observador superficial.

### **Todos os Espíritos estão aptos para dar manifestações inteligentes?**

“Sim, uma vez que todos os Espíritos são inteligências; mas, como os há de todas as categorias, tal como entre vós, uns dizem coisas insignificantes ou estúpidas, os outros coisas sensatas.”

### **Todos os Espíritos estão aptos a compreender as questões que se lhes colocuem?**

“Não; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não lhes impede de responderem bem ou mal; é ainda como entre vós.”

**Nota.** Vê-se, por aí, o quanto é essencial colocar-se em guarda contra a crença no saber indefinido dos Espíritos. Ocorre, com eles, como com os homens; não basta interrogar ao primeiro que se encontra para ter uma resposta sensata, é preciso saber a quem se dirige.

Quem quer conhecer os costumes de um povo, deve estudá-lo desde o baixo até o ápice da escala; não ver senão uma classe, é fazer dele uma idéia falsa, se se julga o todo pela parte. O povo dos Espíritos é como os nossos, há de tudo, do bom, do mau, do sublime, do trivial, do saber e da ignorância. Quem não o observou, como filósofo, em todos os graus não pode se gabar de conhecê-lo. As manifestações físicas nos fazem conhecer os Espíritos de baixo estágio; é a rua e a cabana.

As comunicações instrutivas e sábias nos colocam em relação com os Espíritos elevados; é a elite da sociedade: o castelo, o instituto.

## *Manifestações Físicas*

### FENÔMENO DE PASSAGEM DOS PANORAMAS

Lemos o que se segue, em le *Spiritualiste* de Ia Nouvelle Orléans, do mês de fevereiro de 1857:

— “Recentemente, nos perguntamos se todos os Espíritos, indistintamente, fazem mover as mesas, produzem ruídos, etc., e logo a mão de uma dama, muito séria para brincar com essas coisas, traça, violentamente estas palavras:

— “Quem faz os macacos dançarem em vossas ruas? São os homens superiores?”

“Um amigo, espanhol de nascimento, que era espiritualista, e que morreu no verão passado, nos deu diversas comunicações; numa delas, achase esta passagem:

“As manifestações que procurais não estão entre aquelas que agradam mais aos Espíritos sérios e elevados. Confessamos, todavia, que elas têm sua utilidade, porque, mais que nenhuma outra, talvez, elas podem servir para convencer os homens de hoje.

“Para obter essas manifestações, é preciso, necessariamente, que se desenvolvam certos médiuns, cuja constituição física esteja em harmonia com os Espíritos que podem produzi-las. Ninguém duvida que não os vereis, mais tarde, se desenvolverem entre vós; e, então, não serão mais pequenos golpes que ouvireis, mas, ruídos semelhantes a um fogo circulante de fuzilaria entremeado de tiros de canhão.

“Em uma parte recuada da cidade, se acha uma casa habitada por uma família alemã; aí se ouvem ruídos estranhos, ao mesmo tempo certos objetos são deslocados; pelo menos, nos asseguram, porque não o verificamos; mas, pensando que o chefe dessa família poderia nos ser útil, convidamo-lo a algumas sessões que têm por objetivo esse gênero de manifestações, e, mais tarde, a mulher desse bravo homem não quis que continuasse a ser dos nossos, porque, nos disse esse último, o barulho aumentou entre eles. A esse propósito, eis o que nos foi escrito pela mão da Senhora.

“Não podemos impedir os Espíritos imperfeitos de fazerem barulho, ou outras coisas aborrecidas e mesmo apavorantes; mas o fato de estarem em relação conosco, que somos bem intencionados, não pode senão diminuir a influência que exercem sobre o médium em questão.”

Faremos notar a concordância perfeita que existe entre o que os Espíritos disseram em Nova Orleans, com respeito à fonte das manifestações físicas, e o que foi dito a nós mesmos. Nada poderia, com efeito, pintar essa origem com mais energia do que esta resposta, ao mesmo tempo, tão espiritual e tão profunda: “quem faz dançar os macacos nas nossas ruas? São os homens superiores?”

Teremos ocasião de narrar, segundo os jornais da América, numerosos exemplos dessas espécies de manifestações, bem mais extraordinárias do que aquelas que acabamos de citar. Responder-nos-ão, sem dúvida, com este provérbio: tem belo mentir que vem de longe. Quando coisas tão maravilhosas nos chegam de duas mil léguas, e quando não se pode verificá-las, concebe-se a dúvida: mas esses fenômenos atravessaram os mares com o senhor Home, que dele nos deu amostras. É verdade que o senhor Home não se colocou num teatro para operar seus prodígios, e que todo o mundo, pagando um preço de entrada, não pôde vê-los; por isso, muitas pessoas o tratam de hábil prestidigitador, sem refletir que a elite da sociedade, que foi testemunha desses fenômenos, não se prestaria, benevolentemente, a lhes servir de parceiro. Se o senhor Home tivesse sido um charlatão, não estaria precavido em recusar as ofertas brilhantes de muitos estabelecimentos públicos, e teria recolhido o ouro a mãos cheias. Seu desinteresse é a resposta, a mais peremptória, que se possa dar aos seus detratores. Um charlatanismo desinteressado seria sem sentido e uma monstruosidade. Falaremos, mais tarde e com mais detalhes, do senhor Home e da missão que o levou à França. Eis, à espera disso, um fato de manifestação espontânea que distinto médico, digno de toda confiança, nos relatou, e que é tão mais autêntico quanto as coisas se passaram entre seus conhecidos pessoais.

Uma família respeitável tinha por empregada doméstica uma jovem órfã de catorze anos, cuja bondade natural e a doçura de caráter lhe haviam granjeado a afeição dos seus senhores. No mesmo quarteirão, habitava uma outra família cuja mulher tinha, não se sabe porque, tomado essa jovem em antipatia, de tal modo que supunha espécie de mau proceder, do qual ela não fora causa. Um dia, quando voltava, a vizinha saiu furiosa, armada de uma vassoura, e quis atingi-la. Assustada, ela se precipita contra a porta, quer to-

car, infelizmente o cordão se encontra cortado, e ela não pode alcançá-lo; mas, eis que a campainha se agita por si mesma, e se lhe vem abrir. Em sua perturbação, ela não se inteirou do que havia se passado; mas, desde então, a campainha continuou a tocar, de tempo em tempo, sem motivo conhecido, tanto de dia quanto à noite, e quando se ia ver à porta, não se encontrava ninguém. Os vizinhos do quarteirão foram acusados de pregar essa má peça; foi dada queixa perante o comissário de polícia, que fez uma investigação, procurou se algum cordão secreto comunicava fora, e não pôde nada descobrir; entretanto, a coisa persistia, cada vez mais, em detrimento do repouso de todo o mundo, e, sobretudo, da pequena pagem, acusada de ser a causa desse barulho. Segundo o conselho que lhes foi dado, os senhores da jovem decidiram afastá-la deles, e a colocaram com amigos no campo. Desde então, a campainha permaneceu tranqüila, e nada de semelhante se produziu no novo domicílio da órfã.

Esse fato, como muitos outros que vamos relatar, não se passou nas margens do Missouri ou do Ohio, mas, em Paris, Passagem dos Panoramas. Resta, agora, explicá-lo. A jovem não tocou a campainha, isso é positivo; ela estava muito terrificada com o que se passara para pensar em uma travessura da qual fora a primeira vítima.

Uma coisa não menos positiva, era que a agitação da campainha se devia à sua presença, uma vez que o efeito cessou quando ela partiu. O médico, que testemunhou o fato, explica-o por uma possante ação magnética, exercida pela jovem, inconscientemente. Essa razão não nos parece conclusiva, pois, por que teria ela perdido essa força depois da sua partida? A isso, disse que o terror inspirado pela presença da vizinha deveu produzir, na jovem, uma superexcitação de maneira a desenvolver a ação magnética, e que o efeito cessou com a causa. Confessamos não estarmos convencidos com esse raciocínio. Se a intervenção de uma força oculta não está aqui demonstrada de maneira peremptória, é ao menos provável, segundo os fatos análogos que conhecemos. Admitindo, pois, essa intervenção, diremos que, na circunstância em que o fato se produziu na primeira vez, um Espírito protetor, provavelmente, quis que a jovem escapasse do perigo que corria; que, malgrado a afeição que seus senhores tinham por ela, talvez, era do seu interesse que ela saísse daquela casa, eis porque o ruído continuou até que tivesse partido.

# *Os Gobelins*

## LENDAS

A intervenção de seres incorpóreos nas minúcias da vida privada, faz parte das crenças populares de todos os tempos. Não pode, sem dúvida, caber no pensamento de uma pessoa sensata tomar ao pé da letra todas as lendas, todas as histórias diabólicas e todos os contos ridículos, que se gosta de contar ao lado do fogo. Entretanto, os fenômenos, dos quais somos testemunhas, provam que esses próprios contos repousam sobre alguma coisa, porque o que se passa em nossos dias, pôde e deveu se passar em outras épocas. Que se aparte, desses contos, o maravilhoso e o fantástico dos quais a superstição os vestiu ridiculamente, e se encontrarão todos os caracteres, fatos e gestos dos nossos Espíritos modernos; uns bons, benevolentes, prestativos em servir, como os bons Brownies; outros mais ou menos traquinas, espertos, caprichosos e mesmo maus, como os Gobelins da Normândia, que se encontra sob os nomes de Boggles na Escócia, de Bogharts na Inglaterra, de Cluricaunes na Irlanda, de Puckas na Alemanha. Segundo a tradição popular, esses duendes se introduzem nas casas, onde procuram todas as ocasiões de brincar maldosamente: “Eles batem nas portas, deslocam os móveis, dão golpes sobre os barris, batem no teto e no assoalho, assoviam baixinho, produzem suspiros lamentosos, tiram as cobertas e as cortinas dos que estão deitados, etc.”

O Boghart dos Ingleses exerce particularmente suas malícias contra as crianças, às quais parece ter aversão: “Arranca, freqüentemente, sua fatia de pão com manteiga e sua tigela de leite, agita, durante a noite, as cortinas de seu leito; sobe e desce as escadas com grande ruído, joga sobre o assoalho as baixelas e os pratos, e causa muitos outros estragos nas casas.”

Em alguns lugares da França, os Gobelins são considerados como uma espécie de fantasmas domésticos, que se tem o cuidado de nutrir com iguanas, as mais delicadas, porque eles trazem, aos seus senhores, o trigo que furtam dos celeiros de outrem. E verdadeiramente curioso encontrar essa velha superstição, da antiga Gália e entre os Borussianos do século X (os Prussianos de hoje). Seus Koltkys, ou gênios domésticos, vinham também roubar trigo dos celeiros para levarem àqueles de quem gostavam.

Quem não reconhece, nessas traquinagens, — à parte da indelicadeza do trigo roubado, do qual é provável que os autores se desculpavam em detrimento da reputação dos Espíritos — quem, dizemos, não reconhecerá nossos Espíritos batedores e aqueles que podem, sem lhes injuriar, ser chamados de perturbadores? Que um fato semelhante àquele que nos reportamos, mais acima, dessa jovem de Panoramas, tivesse se passado no campo, teria sido, sem nenhuma dúvida, levado à conta do Gobelín do lugar, depois de amplificado pela imaginação fecunda das comadres; não faltará ter visto o pequeno demônio pendurado na campainha, zombando e fazendo caretas aos tolos que iam abrir a porta.

## *Evocações Particulares*

### MÃE, ESTOU AQUI!

A senhora X havia perdido, há alguns meses, sua filha única, de catorze anos de idade, objeto de toda a sua ternura, e muito digna de seus lamentos pelas qualidades que prometiam fazer, dela, uma mulher perfeita. Essa jovem pessoa havia sucumbido a uma longa e dolorosa doença. A mãe, inconsolável com essa perda, via, dia a dia, sua saúde alterar-se, e repetia, sem cessar, que iria logo juntar-se com sua filha. Instruída quanto à possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, a senhora X resolveu procurar, em uma conversa com a sua criança, um alívio para sua pena. Uma dama de seu conhecimento era médium, mas, pouco experimentadas, uma e outra, para semelhantes evocações, sobretudo, em uma circunstância tão solene, convida-me para assistir. Não éramos senão três: A mãe, a médium e eu. Eis o resultado dessa primeira sessão.

A MÃE. Em nome de Deus Todo-Poderoso, Espírito de Julie X, minha filha querida, eu te peço vir se Deus o permite.

JULIE. Mãe! Eu estou aqui.

A MÃE. E mesmo tu, minha criança, quem me responde? Como posso saber que és tu?

JULIE. Lili.

(Era um pequeno nome familiar dado à jovem, em sua infância; não era conhecido nem pelo médium nem por mim, já que, desde vários anos, não a chamava senão pelo seu nome de Julie. A esse sinal, a identidade era evidente; a mãe, não podendo dominar sua emoção, explode em soluços).

JULIE. Mãe! Por que se afligir? Sou feliz; bem feliz; não sofro mais e te vejo sempre.

A MÃE. Mas eu não te vejo. Onde estás?

JULIE. Aí; ao lado de ti, minha mão sobre a senhora Y (a médium) para fazer com que escreva, o que te digo. Veja minha escrita. (A escrita era, com efeito, a da sua filha).

A MÃE. Tu dizes: minha mão; tens, pois, um corpo?

JULIE. Não tenho mais esse corpo que me fazia sofrer; mas tenho dele a aparência. Não estás contente, que eu não sofra mais, uma vez que posso conversar contigo?

A MÃE. Se eu te visse, pois, te reconhecera?

JULIE. Sim, sem dúvida, e tu já me tens visto, freqüentemente, em teus sonhos.

A MÃE. Eu te reví, com efeito, em meus sonhos, mas, acreditei que era um efeito da minha imaginação, uma lembrança.

JULIE. Não; sou eu que estou sempre contigo, e que procura te consolar; fui eu quem te inspirou a idéia de me evocar. Tenho muitas coisas a dizer-te. Desconfie do senhor F, ele não é franco.

(Esse senhor, só conhecido de minha mãe, e assim nomeado espontaneamente, era uma nova prova da identidade do Espírito que se manifestava.)

A MÃE. Que pode, pois, fazer contra mim o senhor F?

JULIE. Não posso dizer-te; isso me é proibido. Não posso mais que te advertir para dele desconfiar.

A MÃE. Estás entre os anjos!

JULIE. Oh! não ainda; não sou bastante perfeita.

A MÃE. Não te reconheço, no entanto, nenhum defeito; tu eras boa, doce, amorosa e benevolente para todo o mundo; será que isso não basta?

JULIE. Para ti, mãe querida, eu não tinha nenhum defeito; eu acreditava nisso; tu me dizias, muito freqüentemente! Mas, no presente, vejo o que me falta para ser perfeita.

A MÃE. Como adquirirás as qualidades que te faltam?

JULIE. Em novas existências, que serão mais e mais felizes.

A MÃE. Será na Terra que terás essas novas existências?

JULIE. Disso não sei nada.

A MÃE. Uma vez que não havias feito mal durante tua vida, porque tanto sofreste?

JULIE. Prova! Prova! Eu a suportei com paciência, pela minha confiança em Deus; por isso, sou bem feliz hoje. Até breve, mãe querida!

Em presença de semelhantes fatos, quem ousaria falar do nada do túmulo, quando a vida futura se nos revela, por assim dizer, palpável? Essa mãe, minada pelo desgosto, goza, hoje, de uma felicidade infável por poder conversar com sua criança; não há mais, entre elas, separação; suas almas se confundem e se expandem, no seio uma da outra, pela permuta dos seus pensamentos.

Malgrado o véu do qual cercamos essa relação, não nos permitiríamos publicá-la, se para isso não estivéssemos formalmente autorizados. Pudessem, disse-nos essa mãe, todos aqueles que perderam suas afeições na Terra, experimentar a minha mesma consolação!

Não acrescentaremos senão uma palavra endereçada àqueles que negam a existência dos bons Espíritos; nós lhes perguntaremos como poderiam provar que o Espírito dessa jovem era um demônio malfazejo.

## UMA CONVERSÃO

A evocação seguinte não oferece um interesse menor, embora em um outro ponto de vista.

Um senhor, que designaremos sob o nome de Georges, farmacêutico de uma cidade do sul, tinha, há pouco, perdido seu pai, objeto de toda a sua ternura e de profunda veneração. O senhor Georges, pai, unia, a uma instrução muito extensa, todas as qualidades que fazem o homem de bem, embora

professando opiniões muito materialistas. Seu filho partilhava, a esse respeito, e mesmo ultrapassava, as idéias de seu pai; duvidava de tudo: de Deus, da alma, da vida futura. O Espiritismo não poderia admitir com tais pensamentos. A leitura de O Livro dos Espíritos, entretanto, produziu nele uma certa reação, corroborada por uma conversa direta que tivemos com ele. Sim, disse ele, meu pai poderia responder, não duvido mais. Foi, então, que teve lugar a evocação que vamos narrar e na qual encontraremos mais de um ensinamento.

— Em nome do Todo-Poderoso, Espírito de meu pai, peço que vos manifesteis. Estais perto de mim? “Sim.” — Por que não vos manifestais diretamente a mim, quando nos amamos tanto? “Mais tarde.” — Poderemos nos reencontrar um dia? “Sim, logo.” — Amar-nos-emos como nessa vida? “Mais.” — Em qual meio estais?” “Eu sou feliz.” — Estais reencarnado ou errante? “Errante, por pouco tempo.”

— Que sensação experimentastes quando deixastes vosso envoltório corporal?” “De perturbação.” — Quanto tempo durou essa perturbação? “Pouco para mim, muito para ti.” — Podeis avaliar a duração dessa perturbação, segundo a nossa maneira de contar? “Dez anos para ti, dez minutos para mim.” — Mas não faz esse tempo que vos perdi, pois, não faz senão quatro meses! “Se tu, vivente, tivésseis se colocado em meu lugar, teria sentido esse tempo.”

— Credes, agora, em um Deus justo e bom? “Sim.” — Nele acreditáveis quando vivo na Terra? “Dele tinha a presciência, mas não acreditava nele,” Deus é Todo-Poderoso! “Não me elevei até ele para medir sua força; só ele conhece os limites da sua força, porque só ele é seu igual.” — Ocupaste com os homens? “Sim.” — Seremos punidos ou recompensados segundo os nossos atos? “Se fazes o mal, sofrê-lo-ás.” — Serei recompensado se fizer o bem? “Avançarás em teu caminho.” — Estou no bom caminho? “Faze o bem, e nele estarás.” — Creio ser bom, mas seria melhor se devesse, um dia, vos encontrar como recompensa? “Que esse pensamento te sustente e encoraje.” — Meu filho será bom como seu avô? “Desenvolva suas virtudes, sufoque seus vícios.”

— Não podia crer que nos comunicássemos, assim, neste momento, tão maravilhoso isso me parecia. “De onde vem tua dúvida?” — De que, partilhando vossas opiniões filosóficas, fui levado a tudo atribuir à matéria. “Vês à noite, o que vês de dia?” — Estou, pois, na noite, ó meu pai! “Sim.” — Que

vedes de mais maravilhoso? “Explique-se melhor.” — Haveis reencontrado minha mãe, minha irmã, e Anna, a boa Anna? “Eu as revi.” — Vede-as quando quereis? “Sim.”

— É a vós penoso ou agradável que me comunique, assim, convosco? “É uma felicidade, para mim, se posso levar-te ao bem.”

— Como poderia fazer, voltando para casa, para comunicar convosco, o que me faz tão feliz? Isso serviria para melhor me conduzir, me ajudaria melhor a elevar meus filhos. “Cada vez que um movimento levar-te ao bem, sou eu: serei eu que te inspirarei.”

— Tenho medo de vos importunar. “Fale, ainda, s queres.” — Uma vez que mo permitis, vos endereçarei, ainda, algumas perguntas. De qual doença morrestes? “Minha prova estava em seu final.”

— Onde contraístes o depósito pulmonar que se formou? “Pouco importa; o corpo não é nada, o Espírito é tudo.” — De qual natureza é a enfermidade que me desperta, tão freqüentemente, à noite? “Sabê-lo-ás mais tarde.” — Creio que minha doença é grave, e queria, ainda, viver para os meus filhos. “Ela não o é; o coração do homem é uma máquina para a vida: deixe a Natureza operar.”

— Uma vez que estais presente, sob que forma estais? “Sob a aparência da minha forma corporal.” — Estais em um lugar determinado? “Sim, atrás de Ermance” (o médium). — Poderíeis nos aparecer visivelmente? “Para quê! Teríeis medo.”

— Vede-nos, todos, aqui reunidos? “Sim.” — Tendes uma opinião sobre cada um de nós, aqui presentes? “Sim.” — Gostaria de dizer-nos alguma coisa, a cada um de nós? “Em que sentido me fazes essa pergunta?” — Quero dizer no ponto de vista moral. “Em outra ocasião; basta por hoje.”

O efeito produzido, sobre o senhor Georges, por essa comunicação, foi imenso, e uma luz inteiramente nova parecia já iluminar suas idéias; uma sessão que teve, no dia seguinte, com a senhora Roger, sonâmbula, acabou por dissipar o pouco de dúvidas que poderia lhe restar. Eis um extrato a carta que nos escreveu, a esse respeito. “Essa senhora, espontaneamente, entrou em detalhes comigo, bastante precisos, com respeito ao meu pai, minha mãe, meus filhos, minha saúde, descreveu com uma tal exatidão todas as circuns-

tâncias da minha vida, lembrando mesmo de fatos que, desde há muito tempo, haviam escapado da minha memória; deu-me, em uma palavra, provas tão patentes dessa maravilhosa faculdade, da qual são dotados os sonâmbulos lúcidos, que a reação de idéias se completou, em mim, desde esse momento. Na evocação, meu pai revelou-me sua presença; na sessão sonambúlica, eu era, por assim dizer, testemunha ocular da vida extra-corpórea, da vida da alma. Para descrever com tanta minúcia e exatidão, e a duzentas léguas de distância, o que não era conhecido senão por mim, era preciso vê-lo; ora, uma vez que não podia ser com os olhos do corpo, haveria, pois, um laço misterioso, invisível, que ligava a sonâmbula às pessoas e às coisas ausentes, e que ela não havia jamais visto; haveria, pois, alguma coisa fora da matéria; que poderia ser essa alguma coisa, senão o que se chama a alma, o ser inteligente, cujo corpo não é senão o envoltório, mas, cuja ação se estende muito mais além da nossa esfera de atividade?” Hoje, o senhor Georges, não somente não é mais materialista, mas é um dos mais fervorosos e mais zelosos adeptos do Espiritismo, onde está duplamente feliz, pela confiança que lhe inspira, agora, o futuro e pelo prazer motivado que encontra para fazer o bem.

Essa evocação, muito simples ao primeiro contato, não é menos notável com mais algumas apreciações. O caráter do senhor Georges, pai, se reflete em suas respostas breves e sentenciosas, que eram de seus hábitos; falava pouco, não dizia, nunca, uma palavra inútil; mas, não é mais o cético quem fala; reconhece seu erro; seu Espírito é mais livre, mais clarividente, que pinta a unidade e o poder de Deus por estas admiráveis palavras: Só ele é seu igual; é aquele que, em vida, atribuía tudo a matéria, e que diz, agora: O corpo não é nada, o Espírito é tudo; e esta outra frase sublime: Vês à noite o que vês de dia? Para o observador atento, tudo tem uma importância, e é assim que encontra, a cada passo, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos.

## *Os Médiuns Julgados*

### DESAFIO PROPOSTO NA AMÉRICA

Os antagonistas da Doutrina Espírita se apossaram, zelosamente, de um artigo publicado pelo Scientific American, do dia 11 de julho último, sob o título: Os Médiuns julgados. Vários jornais franceses reproduziram-no como um argumento sem réplica; nós mesmos o reproduzimos, fazendo seguir de algumas observações, que lhe mostrarão o valor.

“Há algum tempo, uma oferta de quinhentos dólares (2,500 francos) foi feita, por intermédio do Boston Courier, a toda pessoa que, na presença e em satisfação de um certo número de professores, da Universidade de Cambridge, reproduzisse alguns desses fenômenos misteriosos que os espiritualistas dizem, comumente, terem sido produzidos por intermédio de agentes chamados médiuns”.

“O desafio foi aceito pelo doutor Gardner, e por várias pessoas que se vangloriavam de estar em comunicação com os Espíritos. Os concorrentes se reuniram nos edifícios Albion, em Boston, na última semana de junho, dispostos a fazerem a prova da sua força sobrenatural. Entre eles, notavam-se as jovens Fox, que se tornaram tão célebres pela sua superioridade nesse gênero. A comissão, encarregada de examinar as pretensões dos aspirantes ao prêmio, se compunha dos professores Pierce, Agassiz, Gould e Horsford, de Cambridge, todos os quatro sábios muito distintos. As experiências espiritualistas duraram vários dias; jamais os médiuns encontraram mais bela ocasião de colocarem em evidência seu talento ou sua inspiração; mas, como os sacerdotes de Baal, ao tempo de Elias, invocaram em vão suas divindades, assim como o prova a passagem seguinte, do relatório da comissão:

“A comissão declara que o doutor Gardner não tendo se saído bem em lhe apresentar um agente, ou médium, que revelasse a palavra confiada aos Espíritos em um quarto vizinho; que lesse a palavra inglesa escrita no interior de um livro ou sobre uma folha de papel dobrada; que respondesse uma questão que só as inteligências superiores podem responder; que fizesse ressoar um piano sem tocá-lo, ou avançar uma mesa, em um pé, sem o impulso das mãos; mostrando-se impotente para dar, à comissão, testemunho de um fenômeno que se pudesse, mesmo usando uma interpretação larga e benevolen-

te, considerar como o equivalente das provas propostas; de um fenômeno exigindo, para sua produção, a intervenção de um Espírito, supondo ou implicando, pelo menos, essa intervenção; de um fenômeno desconhecido, até hoje, à ciência, e cuja causa não fosse, imediatamente, assinalável para a comissão, palpável para ela, não tem nenhum título para exigir, do Courier, de Boston, a entrega da soma proposta de 2,500”. francos.”

A experiência, feita nos Estados Unidos, a propósito dos médiuns, lembra aquela que se fez, há uma dezena de anos, para ou contra os sonâmbulos lúcidos, quer dizer, magnetizados. A Academia de ciência recebeu a missão de conceder um prêmio de 2,500 francos ao sujet magnético que lesse de olhos fechados. Todos os sonâmbulos fazem, voluntariamente, esse exercício, em seus salões ou em público; lêem em livros fechados e decifram uma carta inteira, sentando-se em cima de onde a colocam, bem dobrada e fechada, ou sobre seu ventre; mas, diante da Academia não pôde nada ler de todo e o prêmio não foi ganho.”

Essa experiência prova, uma vez mais, da parte de nossos antagonistas, sua ignorância absoluta dos princípios sobre os quais repousam os fenômenos espíritas. Entre eles, há uma idéia fixa de que esses fenômenos devem obedecer à vontade, e se produzirem com a precisão de uma máquina. Esquecem, totalmente, ou, dizendo melhor, não sabem que a causa desses fenômenos é inteiramente moral, que as inteligências que lhes são os primeiros agentes, não estão ao capricho de quem quer que seja, nem mais de médiuns do que de outras pessoas. Os Espíritos agem quando lhes apraz, e diante de quem lhes apraz; freqüentemente, é quando menos se espera que a manifestação ocorre com maior energia, e quando é solicitada, ela não ocorre. Os Espíritos têm condições de ser que nos são desconhecidas; o que está fora da matéria não pode estar submetido ao cadinho da matéria. E, pois, equivococar-se, julgá-los do nosso ponto de vista. Se crêem útil se revelarem por sinais particulares, o fazem; mas, isso jamais à nossa vontade, nem para satisfazer uma vã curiosidade. E preciso, por outro lado, considerar uma causa bem conhecida que afasta os Espíritos: sua antipatia por certas pessoas, principalmente por aquelas que, através de perguntas sobre coisas conhecidas, querem pôr a sua perspicácia em prova. Quando uma coisa existe, diz-se, eles devem sabê-la; ora, é precisamente porque a coisa nos é conhecida, ou tendes os meios de verificá-la por vós mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder; essa suspeição os irrita e deles não se obtém nada de satisfatório; ela afasta, sempre, os Espíritos sérios que não falam, voluntariamente, senão às pessoas que a eles se dirigem com confiança e sem dissimulação. Disso não temos,

todos os dias, exemplos entre nós? Homens superiores, e que têm consciência de seu valor, se alegrariam em responder a todas as tolas perguntas que tenderiam a lhes submeter a um exame, como escolares? Que diriam se se lhes dissessem: “Mas, se não respondeis, é porque não sabeis?” Eles vos voltariam as costas: é o que fazem os Espíritos.

Se assim é, direis, de qual meio dispomos para nos convencer? No próprio interesse da Doutrina dos Espíritos, não devem desejar fazer prosélitos? Responderemos que é ter bastante orgulho em crer-se alguém indispensável ao sucesso de uma causa; ora, os Espíritos não amam os orgulhosos. Eles convencem aqueles que o desejam; quanto aos que crêem na sua importância pessoal, provam o pouco caso que deles fazem, não os escutando. Eis, de resto, sua resposta a duas perguntas sobre esse assunto:

Podem pedir-se, aos Espíritos, sinais materiais como prova da sua existência e da sua força? Resp. “Pode-se, sem dúvida, provocar certas manifestações, mas nem todo o mundo está apto para isso, e, freqüentemente, o que perguntais não o obtendes; eles não estão ao capricho dos homens.”

Mas quando uma pessoa pede esses sinais para se convencer, não haveria utilidade em satisfazê-la, uma vez que seria um adepto a mais? Resp. “Os Espíritos não fazem senão aquilo que querem, e o que lhes é permitido. Falando-vos e respondendo as vossas perguntas, atestam a sua presença: isso deve bastar ao homem sério que procura a verdade na palavra.”

Escribas e fariseus disseram a Jesus: Mestre, muito gostaríamos que nos fizésseis ver algum prodígio. Jesus respondeu:

“Esta raça má e adúltera pede um prodígio, e não se lhe dará outro senão aquele de Jonas (São Mateus).”

Acrescentaremos, ainda, que é conhecer bem pouco a natureza e a causa das manifestações para crer estimulá-las com um prêmio qualquer. Os Espíritos desprezam a cupidez, do mesmo modo que o orgulho e o egoísmo. E só essa condição pode ser, para eles, um motivo para se absterem de se comunicarem. Sabei, pois, que obtereis cem vezes mais de um médium desinteressado do que daquele que é movido pela atração do ganhos e que um milhão não faria ocorrer o que não deve ser. Se nós nos espantamos com uma coisa, é que se tenha procurado médiuns capazes de se submeterem a uma prova que tinha por aposta uma soma de dinheiro.

## *Visões*

### O IDIOTA DE LYON

— Lê-se no *Courrier de Lyon*:

“Na noite de 27 para 28 de agosto de 1857, um caso singular de visão intuitiva, produziu-se na Croix-Rousse, nas circunstâncias seguintes”:

“Há três meses mais ou menos, o casal B...., honestos operários tece-lões, movidos por um sentimento de louvável comiseração, recolheram em sua casa, na qualidade de doméstica, uma jovem um pouco idiota e que habita os arredores de Bourgoing”.

“No último domingo, entre duas e três horas da manhã, o casal B.... foi despertado em sobressalto pelos gritos agudos, produzidos pela sua doméstica, que dormia num sótão contíguo ao seu quarto.

“A senhora B.... acendendo uma lâmpada, sobe para o sótão e encontra a sua criada que, derretida em lágrimas, e num estado de exaltação de espírito, difícil de descrever, chamava, contorcendo os braços em terríveis convulsões, sua mãe que ela acabava de ver morrer, dizia ela, diante de seus olhos.

“Depois de consolar a jovem, o melhor possível, a senhora B.... retorna ao seu quarto. Esse incidente estava quase esquecido quando, ontem, terça-feira, antes do meio-dia, um carteiro do correio entrega ao senhor B.... uma carta do tutor da jovem, que informava, a este último, que, na noite de domingo para segunda feira, entre duas e três horas da manhã, sua mãe tinha morrido em consequência de uma queda que sofreu, caindo do alto de uma escada.

“A pobre idiota partiu ontem mesmo, pela manhã, para Bourgoing, acompanhada pelo senhor B...., seu patrão, para ali recolher a parte de sucessão que lhe cabia na herança de sua mãe, da qual havia visto, tão tristemente, em sonho, o fim deplorável.”

Os fatos desta natureza não são raros, e, frequentemente, tivemos ocasião de narrá-los, cuja autenticidade não poderia ser contestada. Eles se produzem, algumas vezes, durante o sono no estado de sonho; ora, como os sonhos não são outra coisa do que um estado de sonambulismo natural incompleto, designaremos as visões, que ocorrem nesse estado, sob o nome de visões sonambúlicas, para distingui-las das que ocorrem no estado de vigília e que chamaremos visões pela dupla vista. Chamaremos, enfim, visões extáticas, aquelas que ocorrem no êxtase; elas têm, geralmente, por objeto os seres e as coisas do mundo incorpóreo. O fato seguinte pertence à segunda categoria.

Um armador, nosso conhecido, morando em Paris, nos contou, há poucos dias, o que segue: “No último mês de abril, estando um pouco doente, fui passear em Tuileries com meu sócio. Fazia um tempo soberbo; o jardim estava cheio de gente. De repente, a multidão desapareceu aos meus olhos; não senti mais o meu corpo, fui como que transportado, e vi, distintamente, um navio entrando no porto de Havre. Eu o reconheci como sendo o Clémence, que esperávamos das Antilhas; eu o vi atracar no cais, distinguindo claramente os mastros, as velas, os marinheiros e todos os mais minuciosos detalhes, como se estivesse nesses lugares. Voltando para minha casa, me entregaram um telegrama. Antes de tomar conhecimento dele, disse: É o anúncio da chegada do Clémence, que entrou no Havre, às três horas. O telegrama confirmava, com efeito, essa entrada na hora em que eu a havia visto em Tuileries.”

Quando as visões têm por objeto os seres do mundo incorpóreo, poder-se-ia, com alguma aparência de razão, levá-las à conta da imaginação, e qualificá-las de alucinações. Porque nada pode demonstrar a sua exatidão; mas, nos dois fatos que acabamos de narrar, é a realidade, a mais material e a mais positiva, que se evidencia. Desafiamos todos os fisiologistas e todos os filósofos para explicá-los pelos sistemas ordinários. Só a Doutrina Espírita pode, deles, dar conta pelo fenômeno de a emancipação da alma que, escapando, momentaneamente de suas faixas materiais, se transporta para fora da esfera da atividade corporal. No primeiro fato acima, é provável que a alma da mãe veio procurar a filha para adverti-la da sua morte; mas, no segundo, é certo que não foi o navio que veio procurar o armador em Tuileries; é preciso, pois, que tenha sido a alma deste que foi procurá-lo em Havre.

## *Reconhecimento da Existência dos Espíritos e das Suas Manifestações.*

EXTRAÍDO DO JORNAL DE ROMA A CIVILTA CATTOLICA

Se as primeiras manifestações espíritas fizeram numerosos adeptos, elas encontraram não somente muitos incrédulos, mas adversários ferrenhos, e, freqüentemente, interessados no seu descrédito. Hoje, os fatos falaram tão alto que impõem sua evidência, e se há, ainda, incrédulos sistemáticos, podemos predizer-lhes, com exatidão, que poucos anos se passarão para que ocorra com os Espíritos, como na maioria das descobertas que foram combatidas com todo exagero, ou consideradas como utopias por aqueles mesmos, cujo saber deveria fazer menos céticos no que toca ao progresso. Já vimos muitas pessoas, entre aqueles que não estiveram no estado de aprofundar estes estranhos fenômenos, convirem que nosso século é tão fecundo em coisas extraordinárias e que a Natureza tem tantos recursos desconhecidos, que haveria muita leviandade em negar aquilo que não se compreende. Estes dão prova de sabedoria. Eis até uma autoridade que não poderia ser suspeita de se prestar, levianamente, a uma mistificação, e que é um dos principais jornais eclesiásticos de Roma, *A Civilta Cattolica*. Reproduziremos, a seguir, um artigo que esse jornal publicou no mês de março último, e ver-se-á que seria difícil provar a existência e a manifestação dos Espíritos por argumentos mais peremptórios. É verdade que diferimos deles sobre a natureza dos Espíritos; não os admite senão os maus, ao passo que nós os admitimos bons e maus: é um ponto que trataremos, mais tarde, com todos os desenvolvimentos necessários. O reconhecimento das manifestações espíritas por uma autoridade tão séria e tão respeitável, é um ponto capital; resta, pois, o julgá-las: é o que faremos, no próximo número.

O *Univers*, reproduzindo este artigo, fá-lo preceder das sábias reflexões seguintes:

“Na oportunidade de uma obra publicada em Ferrara, sobre a prática do Magnetismo animal, falamos, ultimamente, aos nossos leitores, dos sábios artigos que apareceram na *Civilta Cattolica*, de Roma, sobre a Necromancia

moderna, nos reservando o lhes fazer mais amplamente conhecer. Damos, hoje, o último desses artigos, que contém, em algumas páginas, as conclusões da revista romana. Além do interesse que se liga, naturalmente, a essas matérias, e a confiança que deve inspirar um trabalho publicado pela Civiltà, a oportunidade particular da questão, nesse momento, nos dispensa chamar a atenção sobre um assunto que muitas pessoas trataram, na teoria e na prática, de um modo muito pouco sério, a despeito dessa regra, de vulgar prudência, que manda que, quanto mais os fatos sejam extraordinários, mais se proceda com circunspeção.”

“Eis esse artigo: “De todas as teorias que se colocaram à frente para explicar, naturalmente, os diversos fenômenos conhecidos sob o nome de Espiritualismo americano, não há uma só delas que alcance, completamente, o objetivo, e, menos ainda, que venha dar a razão de todos esses fenômenos. Se uma, ou outra, dessas hipóteses basta para explicar alguns, restará, sempre, muitos que permanecerão inexplicados e inexplicáveis. A fraude, a mentira, o exagero, as alucinações devem, seguramente, ter uma larga parte nos fatos que se informam; mas, depois de fazer esse desconto, resta, deles, ainda, uma massa tal que, para negar a realidade, seria preciso recusar toda crença na autoridade dos sentidos e do testemunho humano. Entre os fatos em questão, um certo número, pode se explicar com a ajuda da teoria mecânica ou mecânico-fisiológica; mas, há uma parte, e é de muito a mais considerável, que não pode, de nenhuma maneira, se prestar a uma explicação desse gênero. A essa ordem de fatos, se relacionam todos os fenômenos nos quais os efeitos obtidos sobrepassam, evidentemente, a intensidade da força motriz que deveria, diz-se, produzi-los. Tais são: 1) os movimentos, os sobressaltos violentos de massas pesadas e solidamente equilibradas, à simples pressão, ao só toque das mãos; 2) os efeitos e os movimentos que se produzem sem nenhum contato, conseqüentemente, sem nenhum impulso mecânico, seja imediato, seja mediato, e enfim, esses outros efeitos que são de natureza a manifestar, em quem os produz, uma inteligência e uma vontade distintas daquelas dos experimentadores. Para dar razão a essas três ordens de fatos diversos, temos, ainda, a teoria do magnetismo; mas, por mais largas concessões que se lhes esteja disposto a fazer, e admitindo-a mesmo, de olhos fechados, todas as hipóteses gratuitas sobre as quais ela se funda, todos os erros e os absurdos dos quais está cheia, e as faculdades miraculosas atribuídas, por ela, à vontade humana, ao fluido nervoso e a outros agentes magnéticos quaisquer, essa teoria não poderá, jamais, com a ajuda desses princípios, explicar como uma mesa magnetizada por um médium manifeste, em seus movimentos, uma inteligência e uma vontade próprias, quer dizer, distintas daquelas do mé-

dium, e que às vezes, são contrárias e superiores à inteligência, à vontade deste.

“Como dar razão a semelhantes fenômenos? Queremos recorrer, nós também, a não sei quais causas ocultas, quais forças ainda desconhecidas da Natureza? A explicações novas de certas faculdades, de certas leis que, até o presente, permaneceram inertes e como adormecidas no seio da criação? Iguualmente, gostaríamos de confessar, abertamente, nossa ignorância, e mandar o problema aumentar o número de tantos enigmas dos quais, o pobre espírito humano não pôde, até o presente, e não poderá jamais, encontrar a palavra. De resto, não hesitamos, por nossa conta, em confessar a nossa ignorância com respeito a vários desses fenômenos em questão, dos quais a natureza é tão equívoca e tão obscura que a atitude mais sábia, nos parece ser o de não procurar explicá-los. Em compensação, há outros para os quais não nos parece difícil encontrar a solução; é verdade que é impossível procurá-la nas causas naturais; mas por que, então, hesitaremos em reclamá-la a essas causas que pertencem à ordem sobrenatural? Talvez, disso seremos desviados pela objeção que nos oponham os cétricos e aqueles que, negando essa ordem sobrenatural, nos dizem que não se pode definir até onde se estendem as forças da Natureza; que o campo que resta a descobrir, para as ciências físicas, não tem limites; que ninguém não sabe o bastante quais são os limites da ordem natural para poder indicar, com precisão, o ponto onde termina esta e onde começa a outra. A resposta, a uma semelhante objeção, nos parece fácil: admitindo que não se possa determinar, de um modo preciso, o ponto de divisão dessas duas ordens opostas, a ordem natural e a ordem sobrenatural, não se segue que não se possa, jamais, definir, com certeza, se tal efeito dado pertence a uma, ou a outra, dessas ordens. Quem pode, no arco-íris, distinguir o ponto preciso onde termina uma das cores e onde começa a cor seguinte? Quem pode fixar o instante exato em que se acaba o dia e em que começa a noite? E, entretanto, não se encontra um homem bastante limitado para disso concluir que não se possa saber se tal zona do arco-íris é vermelha ou amarela, se a tal hora é dia ou noite. Quem não vê que, para conhecer a natureza de um fato, não é, de modo algum, necessário passar pelo limite onde começa, ou termina a categoria à qual pertence; e que basta se constatar se há caracteres que são próprios dessa categoria?

Apliquemos essa observação, tão simples, à presente questão: não podemos dizer até onde vão as forças da Natureza; entretanto, dando-se um fato, podemos, freqüentemente, segundo seus caracteres certos dizer, com certeza, que ele pertence à ordem sobrenatural. E, para não sair de nosso pro-

blema, entre os fenômenos de mesas falantes, há vários que, para nós, manifestam esses caracteres da maneira a mais evidente; tais são aqueles nos quais o agente, que remove as mesas, age como causa inteligente e livre, ao mesmo tempo que mostra uma inteligência e uma vontade que lhes são próprias, quer dizer, superiores ou contrárias à inteligência e à vontade dos médiuns, dos experimentadores, dos assistentes; distintas, em uma palavra, destas, qualquer que possa ser o modo que ateste essa distinção. Em casos semelhantes, se é bem força do a admitir, seja como for, que esse agente é um espírito e não um espírito humano, e que, desde então, está fora dessa ordem, dessas causas que costumamos chamar naturais, daquelas, dizemos, que não ultrapassam as forças do homem.

“Tais são, precisamente, os fenômenos que, como dissemos mais acima, resistiram a toda outra teoria fundada sobre os princípios puramente naturais, ao passo que, na nossa, encontram sua explicação, a mais fácil e a mais clara, já que cada um sabe que a força dos Espíritos sobre a matéria sobrepassa, em muito, as forças do homem; e uma vez que não há efeito maravilhoso entre aqueles citados, da necromancia moderna, que não possa ser atribuído à sua ação.

“Sabemos muito bem que, vendo-nos colocar, aqui, os Espíritos em cena, mais de um leitor sorrirá de piedade. Sem falar dessas pessoas que, em verdade materialistas, não crêem na existência dos Espíritos e rejeitam, como uma fábula, tudo o que não é matéria ponderável e palpável, não mais que aqueles que, admitindo inteiramente que existem Espíritos, recusam-lhes toda influência, toda intervenção no que toca ao nosso mundo; há, em nossos dias, muitos homens que, tudo atribuindo aos Espíritos o que nenhum bom católico não poderia lhes recusar, a saber: a existência e a faculdade de intervir nos fatos da vida humana, de modo oculto ou patente, ordinário ou extraordinário, parece desmentir, entretanto, na prática, sua fé e considerar uma vergonha, como um excesso de credulidade, como uma superstição de velhas, admitir a ação desses mesmos Espíritos, em certos casos especiais, contentando-se em não negá-la em tese geral. E, para dizer a verdade, depois de um século, zombou-se tanto da simplicidade da Idade Média, acusando-a de ver, por toda parte, Espíritos, malefícios e feiticeiros e tanto se declamou a esse respeito, que não é maravilha se tantas cabeças fracas, que querem parecer fortes, experimentarem, de hoje em diante, repugnância, e como uma espécie de vergonha crer na intervenção dos Espíritos.

Mas, esse excesso de incredulidade, não é nada menos insensato do que não o fora, em outras épocas, o excesso contrário, e se, em semelhante matéria, muito crer conduz a superstições vãs, não querendo nada admitir, em compensação, vai direto à impiedade do naturalismo. O homem sábio, o cristão prudente, deve, pois, evitar, igualmente, esses dois extremos e se colocar firme sobre a linha intermediária: porque é aí que se encontram a verdade e a virtude. Atualmente, nessa questão de mesas falantes, de qual lado uma fé prudente nos fará inclinar?

“A primeira, a mais sábia das regras que nos impõe essa prudência, nos ensina que, para explicar os fenômenos que oferecem um caráter extraordinário, não se deve recorrer às causas sobrenaturais, senão quando as que pertencem à ordem natural não bastem para dar-lhe conta. De onde se segue, em compensação, a obrigação de admitir a primeira quando as segundas são insuficientes. Está aí, justamente, nosso caso; com efeito, entre os fenômenos dos quais falamos, há os que nenhuma teoria, nenhuma causa puramente natural, poderia dar razão. E, pois, não somente prudente, mas, ainda, necessário procurar-lhe a explicação na ordem sobrenatural, ou, em outras palavras, atribuí-las aos puros Espíritos, uma vez que, fora e acima da Natureza, não existe outra causa possível.

“Eis uma segunda regra, um critério infalível para pronunciar, a respeito de um fato qualquer, se ele pertence à ordem natural ou sobrenatural: é o de examinar-lhe bem os caracteres, e de determinar, segundo eles, a natureza da causa que o produziu. Ora, os fatos desse gênero, os mais maravilhosos, aqueles que nenhuma outra teoria pode explicar, oferecem caracteres tais que demonstram uma causa, não somente inteligente e livre, mas, ainda, dotada de uma inteligência e de uma vontade que nada têm de humanas; então, essa causa não pode ser senão um puro Espírito.

“Assim, por dois caminhos, um indireto e negativo, que procede por exclusão, o outro direto e positivo, naquilo que se funda sobre a própria natureza dos fatos observados, chegamos a essa mesma conclusão, a saber: que entre os fenômenos da necromancia moderna há, pelo menos, uma categoria de fatos que, sem nenhuma dúvida, são produzidos por Espíritos. Somos conduzidos a esta conclusão por um raciocínio tão simples, tão natural, que longe de temer, aceitando-o, de ceder a uma imprudente credulidade, creríamos, ao contrário, fazer prova, recusando admiti-lo, de uma fraqueza e de uma incoerência de espírito irrecusáveis. Para confirmar nossa asserção, os argumentos não nos fariam falta; mas, o espaço e o tempo nos faltam para desenvolvê-los

aqui. O que dissemos, até o presente, basta plenamente, e pode se resumir nas quatro proposições seguintes:

“1) Entre os fenômenos em questão, postos de lado o que se pode, razoavelmente, atribuir à impostura, às alucinações e aos exageros, existe, ainda, neles, um grande número dos quais não se pode colocar em dúvida a realidade, sem violar todas as leis de uma crítica sadia.

“2) Todas as teorias naturais, que expusemos e discutimos mais acima, são impotentes para darem uma explicação satisfatória para todos esses fatos. Se elas explicam alguns deles, deixam um maior número (e são os mais difíceis) totalmente inexplicados e inexplicáveis”.

“3) Os fenômenos dessa última ordem, implicando à ação de uma causa inteligente, que não a do homem, não podem se explicar senão pela intervenção de Espíritos, qualquer que seja, aliás, o caráter desses Espíritos, pergunta que nos ocorrerá a toda hora.

“4) Todos esses fatos podem ser divididos em quatro categorias: muitos, dentre eles, devem ser rejeitados ou como falsos ou como produzidos fraudulentamente; quanto aos outros, os mais simples, os mais fáceis de conceber, tais como as mesas girantes, admitem, em certas circunstâncias, uma explicação puramente natural: por exemplo, a de um impulso mecânico; uma terceira classe se compõe de fenômenos mais extraordinários e mais misteriosos, sobre a natureza dos quais se fica em dúvida, porque se bem que pareçam ultrapassar as forças da Natureza, não apresentam, entre tanto, caracteres tais que se deva, evidentemente, para explicá-los, recorrer a uma causa sobrenatural. Alinhamos, enfim, na quarta categoria, os fatos que, oferecendo, de modo evidente, esses caracteres, devem ser atribuídos à operação invisível de puros Espíritos.

“Mas, esses Espíritos, quem são? São bons ou maus Espíritos? Anjos ou demônios? Almas felizes ou almas condenadas? A resposta, a esta última parte do nosso problema, não poderia ser duvidosa, por pouco que se considere, de uma parte, a natureza desses diversos Espíritos, de outra, o caráter das suas manifestações. É o que nos resta a demonstrar.

## *História de Joana D'Arc*

DITADA, POR ELA MESMA, À SENHORA ERMANCE DUFAUX

É uma questão que, freqüentemente, nos colocamos, o saber se os Espíritos, que respondem, com mais ou menos precisão, às perguntas que se lhe dirigem, poderiam fazer um trabalho de grande fôlego. A prova disso está na obra da qual falamos; porque, ali, não se trata mais de uma série de perguntas e de respostas; é uma narração completa e seguida, como a teria feito um historiador, e contendo uma multidão de detalhes, pouco ou nada conhecidos, sobre a vida da heroína. Aqueles que poderiam crer que a senhorita Dufaux é inspirada pelos seus conhecimentos pessoais, responderemos que ela escreveu esse livro com a idade de catorze anos; que havia recebido a instrução que recebem todas as jovens de boa família, educadas com cuidado, mas, mesmo que tivesse ela uma memória fenomenal, não é nos livros clássicos que se podem buscar os documentos íntimos que se encontrariam, talvez dificilmente, nos arquivos do tempo. Os incrédulos, nós o sabemos, terão, sempre, mil objeções a fazer; mas, para nós que vimos o médium na obra, a origem do livro não poderia causar nenhuma dúvida.

Se bem que a faculdade da senhorita Dufaux se preste à evocação de qualquer Espírito, do que tivemos prova, por nós mesmos, nas comunicações pessoais que nos transmitiu, sua especialidade é a história. Ela escreveu, do mesmo modo, a de Luís XI e a de Carlos VIII, que serão publicadas como a de Joana D'Arc. Apresentou-se, nela, um fenômeno bastante curioso. Ela era, no princípio, muito bom médium psicógrafo, escrevendo com uma grande facilidade; pouco a pouco, tornou-se médium falante, e, à medida que essa faculdade se desenvolveu, a primeira enfraqueceu; hoje, ela escreve pouco, ou muito dificilmente, mas, o que há de bizarro, é que, falando, tem necessidade de um lápis à mão, simulando escrever; é preciso uma terceira pessoa para reunir as suas palavras, como as da Sibila. Do mesmo modo que todos os médiuns favorecidos pelos bons Espíritos, não recebeu senão comunicações de uma ordem elevada!

Teremos ocasião de voltar sobre a história de Joana D'Arc, para explicar os fatos de sua vida, relativos às suas relações com o mundo invisível, e citaremos o que disse, ao seu intérprete, de mais notável a esse respeito. (12 volume, in - 12; 3 fr. Dentu, Palais-Royal.)

## *O Livro dos Espíritos (I)*

### **CONTENDO OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA**

Sobre a natureza dos seres do mundo incorpóreo, suas manifestações e suas relações com os homens; as leis morais, a vida presente, a vida futura, e o futuro da Humanidade;

ESCRITO SOB O DITADO E PUBLICADO  
POR ORDEM DE ESPÍRITOS SUPERIORES,  
Por ALLAN KARDEC.

Esta obra, como o indica seu título, não é uma doutrina pessoal, é o resultado do ensinamento direto dos próprios Espíritos, sobre os mistérios do mundo onde estaremos um dia, e sobre todas as questões que interessam à Humanidade; nos dão, de alguma sorte, o código da vida em nos traçando o caminho da felicidade futura. Este livro, não sendo o fruto de nossas próprias idéias, uma vez que, sobre muitos pontos importantes, tínhamos um modo de ver muito diferente, nossa modéstia nada sofreria com os nossos elogios; preferimos, entretanto, deixar falar aqueles que são inteiramente desinteressados na questão.

O Courrier de Paris, de 11 de junho de 1857, continha, sobre esse livro, o artigo seguinte:

#### **A DOCTRINA ESPÍRITA**

O editor Dentu vem de publicar, há pouco tempo, uma obra muito notável; queríamos dizer muito curiosa, mas, há dessas coisas que repelem toda qualificação banal.

O Livro dos Espíritos, do senhor Allan Kardec, é uma página nova do grande livro do Infinito, e estamos persuadidos de que se colocará um marcador nessa página. Ficaríamos desolados se cressem que fazemos, aqui, um reclamo bibliográfico; se pudéssemos supor que assim fora, quebraríamos nossa pena imediatamente. Não conhecemos, de modo algum, o autor, mas, confessamos francamente que ficaríamos felizes em conhecê-lo. Aquele que escreveu a introdução, colocado no cabeçalho de O Livro dos Espíritos, deve ter a alma aberta a todos os nobres sentimentos.

Para que não se possa, aliás, suspeitar da nossa boa-fé e nos acusar de tomar partido, diremos, com toda sinceridade, que jamais fizemos um estudo aprofundado das questões sobrenaturais. Unicamente, se os fatos que se produziram nos espantaram, não nos fizeram, pelo menos, jamais dar de ombros. Somos um pouco dessas pessoas que se chamam de sonhadores, porque não pensam inteiramente como todo o mundo. A vinte léguas de Paris, à tarde sob as grandes árvores, quando não tínhamos ao nosso redor senão algumas cabanas disseminadas, pensamos, naturalmente, de qualquer outro modo do que na Bolsa, no macadame dos bulevares, ou nas corridas de Longchamps. Perguntamo-nos, com freqüência, e isso muito tempo antes de ter ouvido falar de médiuns, o que se passava nisso que convencionou chamar lá no alto. Esboçamos mesmo, outrora, uma teoria sobre os mundos invisíveis, que havíamos guardado, cuidadosamente, para nós, e que ficamos bem felizes de reencontrar, quase inteiramente, no livro do senhor Allan Kardec.

A todos os deserdados da Terra, a todos aqueles que caminham ou que caem, molhando com suas lágrimas a poeira do caminho, diremos: lede O Livro dos Espíritos, isso vos tornará mais fortes. Aos felizes, também, aqueles que não encontram, em seu caminho, senão aclamações da multidão ou os sorrisos da fortuna, diremos: Estudai-o, ele vos tornará melhores.

O corpo da obra, diz o senhor Allan Kardec, deve ser reivindicado, inteiramente, pelos Espíritos que o ditaram. Está admiravelmente classificado por perguntas e por respostas. Estas últimas são, algumas vezes, verdadeiramente sublimes, isso não nos surpreende. Mas não foi preciso um grande mérito a quem soube provocá-las?

Desafiamos os mais incrédulos a rirem lendo esse livro, no silêncio e na solidão. Todo o mundo honrará o homem que lhe escreveu o prefácio.

A doutrina se resume em duas palavras: Não façais aos outros o que não quereríeis que se vos fizesse. Estamos tristes que o senhor Allan Kardec não tenha acrescentado: E fazei aos outros o que gostaríeis que vos fosse feito. O livro, de resto, di-lo claramente, e, aliás, a doutrina não estaria completa sem isso. Não basta jamais fazer o mal, é preciso, também, fazer o bem. Se não sois senão um homem honesto, não haveis cumprido senão a metade do vosso dever. Sois um átomo imperceptível dessa grande máquina que se chama o mundo, e onde nada deve ser inútil. Não nos digais, sobre tudo, que se pode ser útil sem fazer o bem; ver-nos-íamos forçados a vos replicar com um volume.

Lendo as admiráveis respostas dos Espíritos, na obra do senhor Kardec, nos dissemos que haveria aí um belo livro para se escrever. Bem cedo reconhecemos que estávamos enganados: o livro está todo feito. Não poderíamos senão estragá-lo, procurando completá-lo.

Sois homem de estudo, e possuís a boa-fé que não pede senão para se instruir? Lede o livro primeiro sobre a Doutrina Espírita.

Estais colocado na classe das pessoas que não se ocupam senão de si mesmas, fazem, como se diz seus pequenos negócios tranqüilamente, e não vêm nada ao redor de seus interesses? Lede as Leis morais.

A infelicidade vos persegue encarniçadamente, e a dúvida vos cerca, às vezes, com seu abraço glacial? Estudai o livro terceiro: Esperanças e Consolações.

Todos vós, que tendes nobres pensamentos no coração, que credes no bem, lede o livro inteiro.

Se se encontrar alguém que ache, no seu interior, matéria de gracejo, nós o lamentaremos sinceramente.

G. DU CHALARD.

Entre as numerosas cartas que nos foram dirigidas, desde a publicação de O Livro dos Espíritos, não citaremos senão duas, por que resumem, de alguma sorte, a impressão que esse livro produziu, e o fim essencialmente moral dos princípios que encerra.

Bordeaux, 25 de abril de 1857.

SENHOR,

Colocásteis a minha paciência em uma grande prova, pela demora na publicação de O Livro dos Espíritos, anunciada desde há muito tempo; felizmente, não perdi por esperar, porque ele sobrepassa todas as idéias que pude dele formar, de acordo com o prospecto. Pintar-vos o efeito que produziu em mim seria impossível: sou como um homem que saiu da obscuridade; parece-

me que uma porta fechada, até hoje, veio a ser, subitamente, aberta; minhas idéias cresceram em algumas horas! Oh! quanto a Humanidade, e todas as suas miseráveis preocupações, me parecem mesquinhas e pueris, depois desse futuro, do qual não duvido mais, mas que era para mim tão obscurecido pelos preconceitos que eu o imaginava a custo? Graças ao ensinamento dos Espíritos, ele se apresenta sob uma forma definida, compreensível, maior, bela, e em harmonia com a majestade do Criador. Quem ler, como eu, esse livro, meditando, nele encontrará tesouros inexauríveis de consolações, porque ele abarca todas as fases da existência. Eu fiz, na minha vida, danos que me afetaram vivamente; hoje, não me deixam nenhum remorso e a minha preocupação é a de empregar, o meu tempo e as minhas faculdades para apressar o meu adiantamento, porque o bem, agora, é um objetivo para mim, e compreendo que uma vida inútil é uma vida egoísta, que não pode nos fazer dar um passo, na vida futura.

Se todos os homens que pensam como vós e eu, e vós os encontrareis muitos, espero-o para a honra da Humanidade, pudessem se entender, se reunir, agir de acordo, que força não teriam para apressar essa regeneração que nos está anunciada. Quando for a Paris, terei a honra de vos ver, e se não for para abusar do vosso tempo, eu vos pedirei alguns desenvolvimentos sobre certas passagens, e alguns conselhos sobre a aplicação das leis morais, às circunstâncias que nos são pessoais. Recebe até lá, eu vos peço, senhor, a expressão de todo o meu reconhecimento, porque haveis me proporcionado um grande bem, mostrando-me o Único caminho da felicidade real, neste mundo, e, tal vez, vos deverei, a mais, um melhor lugar no outro.

Vosso todo devotado, D.... capitão reformado.

Lyon, 4 de julho de 1857.

SENHOR,

Não sei como vos exprimir todo o meu reconhecimento, sobre a publicação de O Livro dos Espíritos, que tenho depois de rele-lo, O quanto nos fizésseis saber, é consolador para a nossa pobre Humanidade. Eu vos confesso, que da minha parte, estou mais forte e mais corajoso para suportar as penas e os aborrecimentos ligados à minha pobre existência. Partilhei, com vários de meus amigos, as convicções que hauri na leitura da vossa obra; todos estão muito felizes, compreendem, agora, as desigualdades das posições na

sociedade, e não murmuram mais contra a Providência na esperança certa de um futuro muito mais feliz, eles se comportam bem, consola-os e lhes dá coragem. Gostaria, senhor, de vos ser útil; não sou senão um pobre filho do povo, que se fez uma pequena posição pelo seu trabalho, mas que tem falta de instrução, tendo sido obrigado a trabalhar bem jovem; todavia, sempre amei muito a Deus, e fiz tudo o que pude para ser útil aos meus semelhantes; é por isso que procuro tudo o que pode ajudar na felicidade de meus irmãos. Iremos nos reunir, vários adeptos que estavam esparsos; faremos todos os nossos esforços para vos secundar; haveis levantado o estandarte, cabe a nós vos seguir, contamos com vosso apoio e vossos conselhos.

Sou, senhor, se ousar dizer meu confrade, vosso todo devotado, C....

Freqüentemente, se nos dirigem perguntas sobre a maneira pela qual obtivemos as comunicações que são objeto de O Livro dos Espíritos. Resumimos, aqui, tanto mais voluntariamente, as respostas que nos fizeram, a esse respeito, pois isso nos dará ocasião de cumprir um dever de gratidão, para com as pessoas que quiseram nos prestar seu concurso.

Como explicamos, as comunicações por pancadas, dito de outro modo, pela tiptologia, são muito lentas e muito incompletas, para um trabalho de longo fôlego, também não empregamos, jamais, esse meio; tudo foi obtido pela escrita e por intermédio de vários médiuns psicógrafos. Nós mesmos preparamos as perguntas e coordenamos o conjunto da obra; as respostas são, textualmente, as que nos foram dadas pelos Espíritos; a maioria, foi escrita sob nossos olhos, algumas foram tomadas de comunicações que nos foram dirigidas por correspondentes, ou que recolhemos, por toda parte onde estivemos, para estudá-las: os Espíritos parecem para esse efeito, multiplicar, aos nossos olhos, os sujeitos de observação.

Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho, foram a senhorita B\*\*\*, cuja complacência nunca nos faltou; o livro foi escrito, quase por inteiro, por seu intermédio e na presença de um numeroso auditório, que assistia às sessões, e nelas tomavam o mais vivo interesse. Mais tarde, os Espíritos prescreveram-lhe a revisão completa em conversas particulares, para fazerem todas as adições e correções que julgaram necessárias. Essa parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da senhorita Japhet<sup>(1)</sup>, que se prestou, com a maior complacência e o mais completo desinteresse, a todas as exigências dos Espíritos porque eram eles que determinavam os dias e

as horas de suas lições. O desinteresse não seria, aqui, um mérito particular, uma vez que os Espíritos reprovam todo o tráfico que se possa fazer com sua presença; a senhorita Japhet, que é, igualmente, sonâmbula muito notável, tinha seu tempo utilmente empregado; mas compreendeu que era, igualmente, dele fazer um emprego aproveitável, consagrando-o à propagação da Doutrina. Quanto a nós, declaramos, desde o princípio, e nos apraz confirmar aqui, que jamais entendemos fazer, de O Livro dos Espíritos, objeto de uma especulação, devendo os produtos serem aplicados em coisas de utilidade geral; é, por isso, que seremos, sempre, reconhecidos para com aqueles que se associaram, de coração, e por amor ao bem, à obra à qual nos consagramos. ALLAN KARDEC.

(1)Rua Tiquetonne, 14.